

Tema ausente

Os dois candidatos favoritos nas pesquisas, neste período de Copa do Mundo e de contradança das tendências de voto, têm se distraído e preenchido os vazios com a troca de farpas e de tolíces sobre os mais variados assuntos, desde o bate-boca sobre a qualificação de vagabundos para os aposentados à áspera discussão sobre as oscilações esquisitas das avaliações das teles a caminho do martelo no leilão internacional.

Lula e seu irrequieto parceiro de chapa e o agitado candidato à reeleição — subitamente desperto com a inesperada descoberta de que pode despencar do pedestal da certeza da vitória certa e amargar derrota — parecem perfeitamente entendidos quanto à supressão, de recíproca conveniência, de tema obrigatório na pauta dos debates e dos programas rascunhados às pressas para engambelar o eleitor: a devastação do verde, o criminoso e impune desmatamento das manchas da Mata Atlântica e o ataque implacável à Floresta Amazônica.

O manto suspeitíssimo do silêncio cobre o tema descartado, como cisco incômodo que tanto arde nos bugalhos de Lula como irrita os olhos do sociólogo, habituados a mirar as alturas das especulações acadêmicas nos brilharcos dos auditórios internacionais. Não se ouve uma palavra de cobrança ou de crítica da oposição; calado, o presidente Fernando Henrique Cardoso curte a trégua e prepara desculpas para tapar o rombo quando não puder mais ignorar uma das mais indesculpáveis omissões dos seu primeiro reinado.

Enquanto os adversários folgam as costas e driblam os constrangimentos partilhados, a fogueira continua a arder, ampliam-se as denúncias com vergonhosa e justa repercussão internacional e alguns se tocam e se coçam na tentativa de fazer alguma coisa para salvar a pele na hora dos acertos de conta.

Nas brechas da maciça cobertura da Copa do Mundo e nos espaços que a mídia reservou para os ensaios da campanha eleitoral, algumas matérias logram infiltrar-se e ocupar até páginas inteiras para a divulgação dos últimos dados estatísticos sobre a degradação ambiental que arrasa com os 7% da Mata Atlântica e do corre-corre para apagar o incêndio que chega à porta da sala.

O vexame alcançou em cheio o Estado do Rio de Janeiro, campeão nacional do desmatamento, acuado no canto da irresponsabilidade, da omissão acomodada com o desatino da máfia dos predadores que enriquece no comércio das madeiras nobres e dos bandos dos inimigos do verde que se desculpa com as clássicas justificativas escapistas.

Só nesta década, o Estado do Rio derrubou, queimou, destruiu 140.372 hectares, mais de 13% das últimas reservas da Mata Atlântica que se supunha protegida pelos muitos órgãos incumbidos da sua defesa.

E que agora se mexem, em saudável, embora tardia azáfama. Corre-se para pregar algumas tábuas na porta arrombada. Enfim, rejubilemo-nos, cutucados pelas migalhas de esperança que resistiram às decepções da série infundável.

Promete-se operação a ser deflagrada no fim deste mês, pelas equipes desfalcadas que se reúnem para o mutirão abençoado. Incumbe-se da coordenação o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama), juntando fiscais e os reforços das polícias estaduais e municipais cedidos pelos remorsos do governador e dos prefeitos. Como é de praxe, promete-se ação enérgica, radical, com prisão, processo e multa dos enquadrados na nova Lei de Crimes Ambientais, ainda virgem como donzela antiga.

É ver para crer. Véspera de eleição costuma bulir com os brios de candidatos e os interesses dos políticos. Sempre dura pouco.

Nada resgata o passado de indiferença que amarra o acordo de silêncio. O presidente não tem como explicar o sucateamento dos organismos federais teoricamente responsáveis pela defesa ambiental. Todos, sem exceção, em estado lastimável, caindo aos pedaços, desmanchando-se na indigência das verbas reduzidas a cada ano.

Quanto a Lula, seu mutismo paga a conta do apoio do Movimento dos Sem Terra, na linha de frente da devastação florestal, do desmatamento que assinala o roteiro das invasões.

Na cinza das urnas e na brasa dos votos, inimigos e parceiros se entendem. E silenciam.